

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0021704

NATO ALMEIDA

F
327
A447

Euclides da Cunha no Itamaraty

*Conferência pronunciada a 9 de agosto de
1955, na cerimônia da inauguração da
Semana Euclidiana, em São José do Rio
Pardo, Estado de São Paulo.*

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

SEÇÃO DE PUBLICAÇÕES

F 658.456
A447e
ex. 2

RENATO ALMEIDA

Euclides da Cunha no Itamaraty

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

SEÇÃO DE PUBLICAÇÕES

B0021704
F 658-456
A 447.2
cc 2

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
SIB 1000

NÚMERO	DATA
F-1099	30/7/56

Há cinqüenta anos justos, havia Euclides da Cunha, chefe da seção brasileira da Comissão Mista brasileiro-pe-ruana de reconhecimento do Purus, chegado ao termo da sua missão. Fôra dramático o esforço e não conseguira contudo atingir à execução da última parte do objetivo — a subida do Caiuja, coisa aliás de menor importância. Naquela hora, os brasileiros estavam reduzidos a nove homens, que vinham de travar “desesperadamente, o duelo formidável com o deserto” e por pouco não tinham sucumbido. Naufragaram, perderam recursos, estavam alimentados com restos de carne sêca, restos de farinha, sem rio para navegar, levando as embarcações num moroso arrastar em que os remos e varejões se transformavam em alavancas. O episódio não era excepcional, bem comum na tarefa de nossos demarcadores, dêsses heróis que lutam sem cessar nas comissões de limites, a cujo sacrifício não somos bastante reconhecidos, nem o proclamamos com a devida ênfase. Nesse caso, registou-o Euclides, mas ainda assim de passagem, talvez com pudor de exaltar a própria gesta. (1)

Do que foi essa missão muito se tem dito e ainda recentemente o Engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha, auxiliar técnico da Comissão e primo de Euclides, escreveu interessante trabalho, a pedido do Itamaraty, que o publicará em breve. Como disse Osvaldo Aranha, “a lembrança de Euclides da Cunha não precisa ser revivida no Itamaraty para quantos ali trabalham; mas precisa ser reeditada para conhecimento de todos os brasileiros”. Do sentido e valor científico da expedição de 1905 se fizeram exa-

tas verificações e Roquete Pinto acentuou os conhecimentos adquiridos pela ciência brasileira em tal ensejo. O Relatório só perdeu um pouco de interesse, por conter em germe, como observou Venâncio Filho, e no rigor da linguagem oficial, tudo quanto Euclides escreveu posteriormente sobre a Amazônia.

Foi, por certo, o cinquentenário dessa expedição — de importância extraordinária na obra de Euclides, por lhe ter aberto o Amazonas — que quisestes celebrar nesta Semana e convocastes o Itamaraty ao culto que vossa fidelidade mantém com admirável persistência.

A sugestão da Amazônia foi constante no espírito de Euclides. A sua paixão pelo Brasil, o estudo da terra e o conhecimento da gente, os contatos com o homem do interior e a verificação aguda de seu drama na epopéia de Canudos, a ânsia de alargar a observação do país nos numerosos ângulos da sua realidade, tudo isso lhe aguçou o desejo de percorrer o extremo norte, embrenhar-se nas florestas, enfrentar os rios, sentir aquela atmosfera úmida e abafada e ter o flagrante daquele meio, perpétua fascinação para os homens de ciência e para os aventureiros. O analista penetrante do Brasil tinha os olhos volvidos para a Hiléia e o confessa a Luís Cruls: “alimento há dias o sonho de um passeio até ao Acre. Mas não vejo como realizá-lo. Nesta terra para tudo faz-se mistério o pedido e o empenho, duas coisas que me repugnam. Elimino por isso a aspiração, em que talvez pudesse prestar algum serviço”.

A esse tempo Euclides da Cunha já era um nome nacional. Publicara os *Sertões* e acabava de ser eleito para a Academia de Letras. Mas não sabia exhibir a glória. Guardava-a como coisa sua muito íntima e nem gostava de falar. Confessa a seu Pai que se candidatou à Academia *obrigado e infelizmente*, e ao comunicar-lhe a eleição, mostra-se contente de ter tido eleitores como Rio-Branco e Machado de Assis, mas ajunta que não tem vaidades. Tudo aquilo considerava um desvio na sua engenharia obscura, onde na

realidade fazia carreira modesta. Em abril de 1904 estava desempregado e se recusava orgulhosamente pedir emprego. Fora melhor morrer de fome.

Surge a possibilidade de um lugar em comissão de limites e Euclides escreve a Oliveira Lima. Este, embora tivesse escrúpulos em falar com o Barão, obteve que José Verissimo levasse ao Chanceler o desejo de Euclides e aconselhou fôsse preferida a missão de reconhecimento do Alto Purus, certo de que o Governo estimaria sobremaneira deparar com esse oferecimento de serviços tão valiosos. Euclides estava afoito para sair. Tinha fome de interior. Iria para Mato Grosso, para o Acre, para o alto Juruá, para as ribas extremas do Maú, o que seria “um meio admirável de ampliar a vida ou torná-la útil e talvez brilhantíssima”, como escrevia a José Verissimo. Depois da experiência de Canudos, ansiava por cenários novos, cada vez mais amplos e por aquêlê sentido dramático da vida através do qual melhor divisava o recorte dos fatos e o choque dos acontecimentos.

Abriu-se assim o ensejo para dois grandes homens, Rio-Branco e Euclides da Cunha, se encontrarem pessoalmente. A admiração já os aproximava e agora uma amizade os uniria em definitivo. Possuíam pontos de contato. O maior deles era o amor pelo Brasil, um amor físico, pela terra, pelos rios, pelas serras, pelas planuras e pelas florestas. Rio-Branco alargara este chão em muitos pontos, por isso mesmo o conhecia com minúcia, estudava-o com carinho e, em cada pedaço que ajuntava ao contínuo geográfico, via um pouco de si mesmo. Euclides amou a terra com vibração e ardor, mostrou que era preciso cuidar dela, torná-la um lar digno do homem, cuja miséria vinha exatamente de não ter o abrigo material que lhe garantisse condições prósperas de existência. A terra ainda se fazendo e o homem chegando cedo demais.

Ambos eram geógrafos, mas com um interesse geográfico diferente. O do Barão era a extensão, certo de que

quanto mais dilatado fôsse o contôrno da terra, mais forte se criaria e se agigantaria. Em Euclides a geografia era paralela à história. O homem tinha de adaptar-se à terra e a terra tinha de ser preparada para o homem. Uma unidade perfeita os faria felizes e creio não sabia bem se a terra criava o homem ou o homem criava a terra.

O Barão via a terra na dimensão política. Euclides a via na dimensão humana, mais próximo de Ratzel e da sua antropogeografia. Para apresentar a ação dramática da campanha de Canudos, começou por descrever o clima cênico: a terra determinando o homem, o homem configurando a terra. Insiste em nossa história traduzir notavelmente modalidades mesológicas e mostra como vales, serras e rios dão sentido à vida dos povos. Os dois se entendiam nesse amor pelo Brasil, não como um símbolo, mas como um organismo, uma realidade material, que um dêles fizera maior em tamanho e o outro procurava decifrar. A terra não só determinava a ação do homem como ainda se exercia na formação étnica, pois se o meio não forma as raças, no nosso caso especial — afirma Euclides — variou demais nos diversos pontos do território brasileiro as dosagens de três elementos essenciais.

Euclides viu Rio-Branco, pela primeira vez, em Petrópolis e Domicio da Gama descreveu o encontro com emoção. Foi uma longa conversa, na qual cresceu a admiração de um pelo outro. A despeito da natural simplicidade do Barão, Euclides se manteve oprimido e tímido, o que, todavia, não impediu ficassem os dois até por volta das duas horas da madrugada, numa palestra iniciada depois do jantar. E continuaram a se ver com frequência. Euclides guardou um crescente entusiasmo pelo “único grande homem vivo desta terra”, de quem se confessa discípulo, e Rio-Branco uma afetuosa amizade e muita admiração pelo escritor. Esses sentimentos nasceram antes de se conhecerem

e perduraram até a tragédia. Rio-Branco nessa hora assim se dirige ao pai de Euclides:

“Atordoado pela nossa grande desgraça do dia 15, não pude dirigir-lhe antes palavras de amizade, e de conforto, o terrível golpe, que feriu seu coração de pai, feriu igualmente o meu coração de amigo e sincero admirador dos grandes dotes intelectuais e morais do seu nobilíssimo filho; sei quanto perdi de sincero afeto com o desaparecimento dêsse bom amigo e companheiro de trabalho; sei quanto de esperanças fundadas perdeu o Brasil.”

* * *

Nomeado chefe da Seção Brasileira da Comissão Mista de reconhecimento do Alto Purus, abriu-se a Euclides a porta da Amazônia. Deflagara-se real o velho sonho; o contato com o mundo estranho e fantástico, atraindo homens, em busca do mistério dos vegetais e das águas. Mundo lendário, de magias e assombrações, ogres e duendes, fantasmas e ninfas, animais fabulosos. Mas Euclides não se sentiria atraído pelo aspecto lírico da terra, a atração vinha dela mesma. Conhecer a geografia, o clima, o homem. Procurou sempre ver a realidade objetiva e a outra, a pré-lógica, jamais o interessou. Considerava, por certo, com seu espírito matemático, uma das deficiências a corrigir, quando a terra conquistada civilizasse o homem.

Euclides vê, ao defrontar o Amazonas, o maior quadro da terra, porém chatamente, rebatido num plano horizontal, o que sente é o homem, um intruso impertinente. É o plano da geografia humana. Por ela procura situar o homem na região, contraste entre o mais vasto e luxuoso salão que a natureza ainda está arrumando, e as condições em que se move ou se arrasta a criatura numa permanente

escravidão, numa aventura constante, numa perpétua incerteza.

Ele não teve aquela impressão de deslumbramento que me foi dada ao sobrevoar o Amazonas. Então não vi o homem intruso naquele quadro, mas ausente. Como em outros espaços da América, só o deserto imenso. No alto, apenas se vê desdobrar a fantasmagoria das massas vegetais, das águas esparramadas a perder de vista, das longuras alucinantes onde nada denuncia a vida humana, que nem sequer aparece, mesmo escassa ou rala. Mas, a atração de Euclides não é a paisagem, que debuxa sempre em traços incisivos e rápidos, é a geografia. É o rio, a história do rio, de rio menos brasileiro, que solapa noite e dia nossa terra, do rio cuja volubilidade contagia o homem e o torna nômade e acaba paralisando a gente. Para Euclides, o Amazonas foi uma lição enorme, uma natureza a desafiar o homem. Não concordou com os que julgam impossível a vida, mas apontou o trabalho imenso que se há de realizar um dia, quando dominada a indisciplina telúrica do meio.

Não se tem uma impressão da Amazônia, tem-se um mundo delas. Euclides à entrada do rio não se surpreendeu, e isso o desapontou, pois procurava sentir o másculo lirismo de Hartt ou as impressões gloriosas de Bates. Nem se inspirou. O que escreveu — alguns períodos muito sonoros... empolando-se inexpressivos e vazios — destruiu. Mas a terra era muito grande e estupendo o espetáculo. Euclides volve a outra observação e encontra a receita para ver e dizer daquele mundo em formação: “Se escrevesse agora esboçaria miniatura do caos, incompreensível e tumultuário, uma miniatura formidável de vastas florestas inundadas e de vastos céus resplandecentes. Entre tais extremos está, com as suas inumeráveis modalidades, um novo mundo que me era desconhecido... Além disso, esta Amazônia recorda a genial definição do espaço de Milton; esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-

sem a ver através de uma vertigem. Ela só lhe aparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente. É uma grandeza que exige a penetração sutil dos microscópios e a visão apertadinha e breve dos analistas; é um infinito que deve ser dosado. Quem terá envergadura para tanto? Por mim não a terei. A notícia, que aqui chegou num telegrama, de um meu novo livro, tem fundamento; escrevo, como fumo, por vício. Mas irei dar a impressão de um escritor esmagado pelo assunto. E, se realmente conseguir escrever o livro enunciado, não lhe darei título que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas profecias e onde Agassiz cometeu os seus maiores erros. Escreverei um *Paraiso perdido*, por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu me forre de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem compreendida, requer o trato permanente de uma vida inteira”.

Não escreveu contudo esse livro. Ele fez falta e se com o correr dos anos Euclides tivesse podido contemplar o aspecto da Amazônia, depois da febre da borracha, quando o esforço civilizador inicial, como uma terra caída, se desfêz numa enxurrada contínua, renovando os problemas e deixando que no silêncio das matas outros surgissem, num procriar constante de dificuldades, teria com certeza dado uma contribuição imensa para a compreensão integral do fenômeno. Porque, na sua obra, é fundamental a agudeza e nos permite ver sempre em profundidade revelando os motivos em clara evidência. Nos *Sertões*, por exemplo, se o drama tem uma descrição patética, não está circunscrito nêlo o centro de interesse, fixado antes, no que representa: o desvio de um processo de civilização, que em vez de unir favorecia e provocava a dissolução, a revolta, o crime e a morte.

Observou Elói Pontes que os escritores têm por vezes certos *leit-motivs* e o de Euclides, eixo de tôdas as conjeturas, foi a chegada prematura do homem às paragens remotas do Brasil, porque a natureza ainda se forma, o homem

é importuno e ela sua inimiga perigosa. Em tôrno dêsse problema fixou Euclides a vida do interior, no heroismo do homem que tem de lutar incessantemente, que tem de sacrificar a vida tôda, cuja economia é a pobreza, cujo destino é o abandono, cuja condição é a doença. Tudo fora do lugar, tudo fora da hora.

Nesse ângulo nos aponta o aspecto dramático da realidade da grande parte do nosso *hinterland*, cujas soluções tanto o inquietaram. Só a pesquisa científica poderá indicá-las lentamente, para que as adote a técnica, quando a vida econômica nacional não mais se arrastar nessa interminável penúria. A Amazônia é um problema ja hoje sem mistérios. É apenas questão de meios. Os instrumentos da vitória já os sabemos quais sejam, mas não os podemos adquirir por enquanto, tão dispendiosos ficariam. As injustiças sociais, a miséria, a escravidão do homem, nada disso será resolvido por leis ou decretos, arrestos ou sentenças. É preciso dominar a natureza, tornar a terra disciplinada e fecunda, onde o homem possa viver e prosperar, na garantia da ordem jurídica. É o que a ciência tem de planejar e a técnica executar, porque sem civilização não há direito, porque só a civilização domina a força.

Também isso não é tarefa que possa construir um governo, mesmo dispondo de meios fáceis. É preciso que haja condições econômicas que tornem produtivo tamanho labor. A prosperidade da borracha permitiu antever o que seria possível realizar se aquela esperança se tivesse confirmado. O problema da Amazônia — que consiste no consórcio definitivo do homem com a terra, para usar uma expressão euclidiana — espera também a sua oportunidade, ou melhor, uma convergência de oportunidades. Nesta hora, a fim de não perdermos a ocasião, que pode surgir de súbito, — sobretudo se o petróleo jorrar de seu solo e o pudermos explorar — a preocupação se deve concentrar no estudo da terra, para as investigações científicas, para o planejamento, para o preparo dos projetos que devem ser

realizados um dia e podem mesmo — quem sabe? ter desde já começo de execução.

Na imensa literatura amazônica, das mais abundantes que existem no mundo, a obra de Euclides tem particular fulgor. Porque não é descritiva apenas, com ter nesse particular importância significativa pelo levantamento do Purus, não é de simples emoção, tocada pela poesia do meio, não é episódica, lirica ou científica. Possuindo de tudo, é mais e acima de tudo, humana, pois o pensamento de Euclides estava sempre em função do homem, da sua adaptação ao meio ecológico, pelo estudo dos fatores biográficos, antropológicos e históricos.

Euclides da Cunha cumpriu com exatidão o seu dever de chefe da missão ao alto Purus e não apenas nos seus relatórios mas na sua correspondência com Rio-Branco, que teve ensejo de compulsar e cujas principais cartas já estão publicadas, se mostra sempre funcionário exemplar, de uma minúcia rara em intelectuais. Rio-Branco acompanha a viagem com desvêlo, quer saber notícias de Euclides e quer também a relação entre os nomes atuais com os dos rios da planta de Chandless, geógrafo inglês que em 1866 explorava a mesma região do Purus.

Euclides comunica pormenorizadamente a Rio-Branco tudo quanto fêz, desde a sua permanência em Manaus, à espera da partida; as ratificações que colhe sobre a estrutura e importância mineralógica de terrenos que atravessará, inclusive sobre as bacias de carvão de pedra de Rixala e outros mais. (2) A sua preocupação pelos dados geográficos era bem da predileção do chefe. Os ofícios são igualmente muito minuciosos e ainda os faz acompanhar de cartas particulares. Numa delas, de novembro de 1905, quando relata as providências para iniciar a carta da região com os peruanos, junta o seguinte, que Rio-Branco, ou por não ter entendido bem a letra, o que parece pouco provável, ou por certo para acentuar o trecho, que deveria ter sido muito do agrado, reproduz na entrelinha: “além

disso temos um fiscal ou um juiz que muito aprendemos a venerar nesta viagem, o ilustre Chandless, (aí termina a reprodução com letra do Barão) talvez o mais honesto e pertinaz entre todos os geógrafos que têm estudado a nossa terra”.

Mesmo assuntos estranhos à missão, eram referidos, como aquela Carta de 18 de março sobre a eleição na Academia para as vagas de Martins Júnior e José do Patrocínio mudando os votos “aos candidatos indicados” — Sousa Bandeira e Heráclito Graça e juntando esta explicação:

“O do último, porém, vai, condicionalmente, adstrito à circunstância de não ser candidato o Dr. Vicente de Carvalho que, por sugestão minha, concorreu à primeira eleição. Vicente de Carvalho, advogado em Santos, é uma das mais sólidas e interessantes organizações literárias da nossa Terra; e quando isto não bastasse e eu não obedecesse aos estímulos de antiga e inalterável estima, o simples fato de ter partido de mim o pensamento de sua candidatura no primeiro pleito, impõe-me o ampará-lo no segundo. Tenho, entretanto, certeza de que o meu amigo não se abalará aos azares de uma segunda eleição, correndo os riscos de um segundo insucesso sem intervalo apreciável. Enviei, por isso, ao meu querido mestre Machado de Assis, os dois votos em termos diferentes, de modo que êle aplique um deles consoante a alternativa acima exposta. Assim, com certeza recairá o meu sufrágio em Heráclito Graça, a quem tanto já devem as nossas letras e que por tantos títulos é digno da investidura.”

Rio-Branco ao conhecer o término da missão, felicita e agradece a Euclides e seus companheiros o zelo e coragem com que, em quadra tão desvantajosa, concluíram a exploração que lhes foi confiada. Em outras cartas, pede

notícias e informações, croquis e esclarecimentos, que anota com fidelidade em seus mapas. Quando chega ao Rio, o Barão o quer ver logo, saber de tudo, de tudo inteirar-se. Êle trazia para o grande Chanceler notícias da terra, desta terra, que lhe foi sempre paixão tirânica.

Essa expedição, se fôra contada — disse Afrânio Peixoto, daria a *Os Sertões* uma parêntese, na intensidade da descrição, na intrepidez da acusação. Guardo ainda os acentos épicos do que ouvi... Testemunhos simples confirmaram-me que aquela epopéia obscura e destinada ao esquecimento não era ficção da mente encandescida”. Ela juntou muito à obra de Euclides e suas páginas sobre a hiléia, se não têm o sentido do drama de Canudos, porque faltou o enredo, são de incisiva agudeza para revelar o Brasil. Porque todo o empenho de Euclides era conhecer, desvendar, descobrir o país. Não se encantava com a maravilha da terra, a pujança da natureza, o devaneio da paisagem. A magia não o seduz nunca. Êle parte sempre da geografia e do paralelo entre terra e homem é que tira suas conclusões, com um sentido que procura fixar com exatidão e uma lógica que disciplina com seus conhecimentos matemáticos.

A diplomacia não poderia interessar a Euclides. Era a figura do Barão que o fascinava e as afinidades não eram com o diplomata, mas com o geógrafo e o historiador, e sobretudo com o homem superior de inteligência e descortínio, que não foi grande apenas pelas terras que incorporou, mas também pelas luzes com que iluminou o Brasil. E entre essas luzes estava a sua preocupação, que nunca será demais exaltar, em prestigiar a inteligência, cercar-se de escritores e homens de espírito, torná-los de mais a mais forças representativas do Brasil. Nesse sentido, a sua lição foi densa e fecunda e sua amizade com Euclides da Cunha é alto testemunho.

Tanto não era êle homem para diplomacia, que recebeu de mau gosto, como apurou Elói Pontes, a notícia de

que seria nomeado Ministro em Assunção. Introverso, tímido e pouco dado ao trato social, difficilmente poderia ingressar na carreira e o Barão, com o seu grande sentido da realidade, por certo nunca considerou a hipótese. Mas não queria perder a companhia illustre e continuava a pedir serviços a Euclides, que afinal deixou adido ao seu Gabinete, onde esteve até a morte. Mas sempre fugidio da Casa, escondendo-se na biblioteca, longe de um meio cerimonioso e protocolar que não era do seu feitio. Todos o admiravam e lhe compreendiam a modéstia. Os seus trabalhos cartográficos são de grande mérito e basta o aprêço que por elles tinha o Barão, exigente das minúcias mais pormenorizadas, para lhes realçar o exato valor. Colaborou nos estudos para a solução dos casos do Acre e da Lagoa Mirim, sendo de sua autoria o mapa que acompanhou o tratado com o Uruguai, de outubro de 1909.

Fôsse a tentação diplomática, fôsse o convívio com Rio-Branco e os do Itamaraty, fôsem certas mágoas que trouxera dos peruanos, numa fase um pouco difficil de nossas relações, Euclides da Cunha resolve tomar partido no litígio entre a Bolívia e o Peru. Escreveu *Peru versus Bolívia* livro que diz ter sido uma das quixotadas, em carta a Domicio da Gama, "constituindo-se cavaleiro andante da Bolívia contra o Peru. Porque? Talvez porque a Bolívia é mulher". Evidentemente havia uma razão mais profunda, que o levou a estudar o problema de limites entre os dois países, sujeito à arbitragem do Governo Argentino e concluir que "era preciso mostrar, à luz de documentos claros, que a Bolívia, embora intentem transmudá-la em Polônia sul-americana, construiu um destino mais elevado, que se não violará. Quando se fêz República, nobilitando o nome do chefe preeminente das campanhas da liberdade, capitalizava esforços seculares, avançara isolada, e fundamentalmente distinta das demais nações neo-espanholas, na conquista de sua autonomia". Esse livro foi explorado pelo estadista argentino Estanislau Zeballos, como obra encomen-

dada tendenciosamente pelo Barão, quando da famosa campanha que acabaria no episódio do telegrama n.º 9. Euclides veio a debate defendendo o idealismo de sua posição.

A situação material de Euclides continuava muito incerta, não chegava a ocupar um cargo no Ministério. Isso o contrariava e se queixava com amargor. A atração pelo Barão é muito forte para afastá-lo da sua "órbita maravilhosa" mas não gostava das ocupações e lastimava a posição angustiosa de *comissario in partibus* ou afirmava sofrer de "mapite" aguda, a viver entre cartas geográficas, êle que gostava de traçá-las, mas *in loco* e não de copiá-las dos arquivos...

Inscreveu-se afinal no concurso de Lógica do Pedro II e obteve como se sabe o 2.º lugar, tendo sido dado o 1.º a Farias Brito. Nessa ocasião, com um grande escrúpulo, não ousa falar a Rio-Branco. Por isso mesmo fica aterrado com as intrigas, entre as quais a de se propalar que era seu candidato. O Barão, por sua conta, quando veio a saber do caso, apressa-se em escrever ao então secretário da Presidência, Dr. Edmundo Veiga, genro do Presidente Afonso Pena, a quem fêz um apêlo decisivo em favor de Euclides, dizendo que não havia dado um passo nesse sentido, por entender que o grande escritor não precisava disso. Soubera porém que se fazia escandalosa cabala contra êle e então se sentiu obrigado, sem nenhum pedido, a queimar o último cartucho em favor "dêste moço digno e puro, que é uma inteligência de primor".

Nesse interim morre Afonso Pena e uma nova situação se cria. Delongas em tórno da nomeação, que tarda, mas chega afinal. A ação de Rio-Branco, que continuara no Itamaraty com Nilo Peçanha, foi decisiva. Euclides nomeado afinal lecionou dias apenas. Logo a seguir a tragédia. Vimos a desolação de Rio-Branco, que, fazendo o elogio de Euclides da Cunha no Instituto Histórico, o chama de companheiro de estudos, de trabalhos e de esperanças pa-

trióticas. (2) Estou certo de que ao meio dos louvores, com que afirmamos a grandeza de Euclides da Cunha, essas palavras seriam talvez as que lhe falassem mais de perto ao coração. Rio-Branco fêz colocar o seu retrato no Itamaraty e o conservamos hoje na Biblioteca, nessa biblioteca cujas salas atuais não conheceu, mas de cujos livros foi familiar nas velhas instalações.

* * *

Mas, meus Senhores, não vim aqui para estudar convosco Euclides da Cunha. Quero apenas, como representante do Itamaraty, celebrar-lhe a glória em vossa companhia, no cinqüentenário da sua missão ao Purus, a serviço da Casa de Rio-Branco, que se orgulha de ter tido nos seus quadros um dos mais luminosos e agudos investigadores da realidade brasileira, em suas matérias orgânicas, terra e gente, e de lhe ter favorecido ensejo para fixar alguns problemas da Amazônia, numa achega de valor sem par aos estudos espectrais do Brasil.

NOTAS

(1) Na última nota à conferência *Castro Alves e seu tempo*, realizada no Centro Acadêmico Onze de Agosto, de São Paulo (Imprensa Nacional, 1907), Euclides da Cunha, contando "Incidente expressivo", nos dá o quadro dramático da chegada da sua expedição à foz do Cavaljani, último esgalho do Purus, em julho de 1905.

(2) Transcrevo a seguir, a título ilustrativo, a carta de Euclides da Cunha ao Barão do Rio-Branco, de 16 de janeiro de 1905:

"Manaus, 16 de janeiro de 1905.

Exmo. Sr. Barão do Rio-Branco:

Saudando a V. Ex.^a — confirmo a minha carta de 8, em que dei breve notícia do que temos feito. Pouco há que lhe aditar, nesta. Apenas quanto ao traçado real do Chandless, novos informantes insistentes se referem a um outro tributário, o montante do Araçá, e que por muito tempo tem o nome do benemérito explorador. Vê-se bem como variam os juízos em matéria tão simples — impondo a estas e outras informações o corretivo das observações ulteriores diretas. Colhi muitos dados sobre a estrutura e caráter mineralógicos dos terrenos que atravessamos e entre eles os que se referem às bacias de carvão de pedra das cercanias do Rixala. Tais esclarecimentos, nem sempre uniformes, enumero-os apenas como indicação para o exame local, mais tarde.

Num ponto os informantes acordam: não devemos de longar a nossa partida. Perdida a quadra favorável do comêço da enchente, tivemos de desempenhá-la com muitos obstáculos. Assim a nossa estada nesta cidade só deve dilatar-se até princípios de fevereiro.

Quando disse, aí a V. Ex.^a, que em 5 ou 6 meses poderiam realizar-se todos os trabalhos, contava com o aproveitamento completo daquela quadra, que dia a dia vamos perdendo, aguardando que se ultime os reparos das embarcações peruanas, e, por nossa vez, a braços com bem sérias dificuldades no adquirirmos meios de transporte. O Sr. Cel. Belarmino já deve ter prestado a V. Ex.^a bem amplas sobre este ponto. Mas embora sigamos em meados de fevereiro, ainda nutro certeza de efetuar os trabalhos de modo que a nossa volta se faça em princípios de agosto, em que tal presteza prejudique o rigor das operações.

Nestes três últimos dias os céus propiciavam, pela primeira vez desde que chegamos, algumas séries de observações, determinando-se, em condições favoráveis, a hora média de Manaus e os primeiros estados absolutos dos cronômetros sobre o tempo local. Continuamos insistentemente nestes trabalhos e em diários exercícios do levantamento expedito que nos afeiçoem o mais possível aos levantamentos rápidos.

Todos os meus companheiros continuam admiravelmente dispostos à nobre tarefa que V. Ex.^a lhes confiou. Sempre com verdadeira veneração, subscrevo-me

De V. Ex.^a

Compatriota cr.^{do} at.^o e ob.

EUCLIDES DA CUNHA

(*) Na sessão magna do Instituto Histórico e Geográfico de 1909, o Barão do Rio-Branco, fêz o elogio fúnebre de Euclides da Cunha, dizendo:

“— o festejado escritor, intrépido explorador do Alto Purus — Euclides da Cunha, que tanto prometia enriquecer ainda o nossa literatura, vitimado no vigor da idade, numa terrível tragédia, como homem de delicado pundonor que sempre foi, e cuja pureza de sentimentos e alto valor intelectual pude conhecer de perto nos breves anos de convivência, em que me coube a fortuna de o ter por companheiro de estudos, de trabalhos e de esperanças patrióticas.”

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL — 1955